ISSN: 2358-8829

EXCESSO DE DIAGNÓSTICOS DE AUTISMO PARA QUEM? INTERSECÇÕES SOCIAIS

Lei Antoniassi Sassine [1]
Clara Hanke Ercoles [2]
Prof. Dra. Eliane Rose Maio [3]

RESUMO

Nas últimas décadas, observa-se um aumento expressivo no número de diagnósticos de Transtorno do Espectro Autista (TEA). Parte da literatura debate a hipótese de um possível "excesso de diagnósticos" associado à ampliação dos critérios presentes no DSM-5 (2014). No entanto, essa discussão levanta uma questão central: quem, de fato, tem acesso aos processos de avaliação diagnóstica? Este trabalho propõe analisar pesquisas e dados sobre o diagnóstico do TEA, a partir de uma perspectiva interseccional, considerando as relações entre raça, gênero, deficiência e classe. O objetivo da pesquisa é investigar como os referenciais diagnósticos, historicamente construídos a partir de estudos predominantemente brancos, masculinos e infantis, podem contribuir para a invisibilização de diferentes manifestações do espectro, tanto em crianças como em adultos. A pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica, baseada na análise de artigos científicos, mapeamentos e documentos diagnósticos relacionados ao TEA. O referencial teórico articula estudos sobre o autismo com a abordagem interseccional, compreendida como ferramenta analítica para entender como diferentes marcadores sociais se articulam na produção de desigualdades. Pesquisas apontam que mulheres e outras pessoas socializadas como meninas frequentemente apresentam estratégias de camuflagem social, o que pode dificultar o reconhecimento clínico do autismo. Além disso, o alto custo dos processos avaliativos e a limitada disponibilidade de serviços no sistema público de saúde podem restringir o acesso ao diagnóstico para populações de baixa renda e pessoas negras. A ausência ou o atraso no diagnóstico pode estar associada a diferentes impactos na saúde mental, como dificuldades nas relações sociais, exclusão e maior incidência de sofrimento psíquico, incluindo autolesão e ideação suicida. Conclui-se que discutir o aumento de diagnósticos sem considerar essas desigualdades pode invisibilizar grupos historicamente marginalizados e potencializar sofrimentos já existentes.

Palavras-chave: Autismo, Diagnóstico em adultos, Interseccionalidade, Inclusão, Direitos humanos.

[1]Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, graduando do curso de Psicologia pelo Centro Universitário Cidade Verde - Unicive, leisassine@gmail.com;
[2] Doutoranda em Educação da Universidade Estadual de Maringá - PR, claraercoles@gmail.com;
[3] Orientadora do trabalho - Doutora em Educação Escolar e professora do programa de Pós-graduação em Educação Escolar na Universidade Estadual de Maringá - PR, ermaio@uem.br.